ISSN: 2358-8829

MARIA: DA ACUSAÇÃO AO LINCHAMENTO

Maykon Renan Ferreira de Aguiar [1]

INTRODUÇÃO

A vida das mulheres pretas, sobretudo na realidade brasileira, é carregada de dificuldades, desafetos, acusações e outras problemáticas tidas como sociais. No que diz respeito à literatura brasileira, e sobretudo à literatura afro-brasileira, há uma retratação genuína dessa realidade difícil e excludente.

A obra *Olhos d'agua* (2016), de autoria de Conceição Evaristo, grande escritora brasileira que versa sobre as mazelas sociais sofridas pelo povo preto, traz, em seus trechos, relatos - reais e ficcionais - da vida de homens e mulheres que, pela cor da pele, sofrem exclusão, acusação, marginalização e, por fim, condenação, conforme aconteceu com a personagem que será explorada nesta pesquisa.

Ainda pensando nessa seara da violência sofrida pelas mulheres e em especial pelas mulheres pretas, uma pesquisa realizada pelo Portal Geledés, no ano de 2025, apontou que, durante o período referente a 2024, dos 1.492 (mil quatrocentos e noventa e dois) casos de feminicídio contabilizados no país, cerca de 63,3% das vítimas foram mulheres pretas (Geledés, 2025). De acordo com os "números", mas também em consonância com o senso comum, há um aumento exacerbado no que se refere ao extermínio das pessoas pretas, sobretudo das mulheres.

Maria, personagem principal da narrativa, atravessa situações difíceis de serem lidas, mas que fazem parte do cotidiano de muitas outras Marias dentro e fora do território nacional. A partir da leitura e observação dessa realidade, objetivou-se, neste trabalho, analisar como o racismo pode, em minutos, virar motivo de acusação e de linchamento.

Na vida das mulheres pretas, não é comum que a própria literatura as retrate de um modo que encontrem-se em ascensão social, porque a literatura tende a trazer traços

[1] Graduado em Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela UEPB; Pós-graduando em Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Questões Étnico-sociais ou Raciais e Professor Substituto da UEPB/CH.

ISSN: 2358-8829

da realidade e essa elevação, infelizmente, ainda não é algo comum de ser visto. É mais comum ver tais mulheres num papel de subserviência, julgamento e exclusão social. Isso, no entanto, não ocorre porque elas querem, mas sim porque as oportunidades não são dadas ou sequer enxergadas.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que, embora os estudos dentro do campo racial e de gênero estejam caminhando de um modo avançado, ainda é uma área que carece de mais análises. Mulheres pretas precisam ser vistas não como objetos ou passíveis de julgamentos, mas sim como partes das construções literárias e retratações das realidades e foi isso que Conceição Evaristo (2016) percebeu ao colocar mulheres negras como protagonistas de um livro desenvolvido para um público amplo e diverso a fim de que mais leitoras e leitores pudessem ter acesso a ele.

Este trabalho baseia-se nos estudos de Hooks (1999) ao tratar sobre a forma com a qual as mulheres pretas são tratadas e como são, também, marginalizadas e injustiçadas; Ribeiro (2017; 2019) ao elencar práticas e formas de combater o racismo estrutural e elencar, ainda, as possibilidades de fala dessas mulheres pretas dentro da própria literatura. Como *corpus,* a utilização de Evaristo (2016) demonstra a importância de um trabalho crítico-literário dentro da sociedade a fim de que a representatividade negra feminina possa, de modo organizado - mas também rebelde -, ser uma realidade social e deixar o campo das ideias, das utopias. A escolha desses nomes, enquadra-se na necessidade de uma valorização maior de autoras e autores que versem sobre a temática do racismo e também que tragam, de forma evidente, os moldes pelos quais esse crime previsto por Lei pode ser efetivamente combatido e, com muito custo, que seja erradicado.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho enquadra-se no modo qualitativo, tendo em vista que não lida diretamente com números e estatísticas, mas com aquilo trazido pela literatura e também amparado pela própria literatura. Isso, por sua vez, enquadra-se, também, em um caráter bibliográfico, uma vez que toda a análise e a parte dos resultados serão amparados em uma obra literária cujo enfoque está na valorização da cultura afro-brasileira e, paralelamente, também a valorização de um trabalho efetivo

com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que são, perante a Constituição, os pilares dos regimentos concernentes às temáticas raciais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme dito anteriormente, a representatividade de pessoas pretas é um ponto a ser cotidianamente discutido e, se não fortalecido, criado. É um trabalho hercúleo que depende de muitas mãos para que possa, de fato, ser executado, tendo em vista que inicia-se - ou deveria iniciar-se - na infância.

No que se refere às mulheres pretas, essa representatividade exige, além de tudo, coragem e resistência, já que elas enfrentam, diariamente, problemas que são, muitas vezes, duplicados quando comparados aos das mulheres brancas, por exemplo. Acerca disso, parafraseando Ribeiro (2017), há, de forma evidente, uma discrepância social entre a mulher preta e a mulher branca. É como se uma fosse valorizada e ouvida, enquanto a outra passa a vida tentando provar que é merecedora de conquistas. Dentro da temática abordada na obra em questão, há a retratação evidente dessa diferenciação existente:

> Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. (Evaristo, 2016, p. 24)

Ao destacar a dificuldade enfrentada por Maria ao sair da casa de sua patroa, que, pelo senso comum, era uma mulher branca, Evaristo (2016) busca trazer à tona as questões de desigualdade social e racial, já que a personagem é trazida como a mais comum representação de uma mulher preta dentro da sociedade brasileira: aquela que espera o ônibus todos os dias, sai tarde do trabalho e ainda carrega o peso das sacolas. Interessante pensar que não pesada das suas próprias “conquistas”, mas sim daquilo que, perante seu trabalho, seria entregue por sua patroa. Ainda acerca disso, Evaristo (2016) traz:

> No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Serás que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2016, p. 23)

ISSN: 2358-8829

Conforme visto na citação acima, Maria trabalha exaustivamente até aos domingos, mas não consegue usufruir do seu próprio trabalho tendo em vista que tudo vem antes dela: seus filhos, sua família e seu trabalho. Para as mulheres negras, a vida sempre ficou em segundo plano e isso, infelizmente, acontece até hoje. Esse trecho busca retratar justamente isso: esse abandono de si em detrimento da valorização do outro e isso, para Ribeiro (2017), trata-se da representação de que a mulher negra é o outro do outro, ou seja, alguém distante da realidade social, alguém que, visto aos olhos daqueles que insinuam-se superiores, são alguém à margem, quase que inexistentes.

Além disso, há, ainda, a retratação da vida de uma mulher preta enquanto alguém que, aos olhos da sociedade, não é passível de ser amada. Conforme Evaristo (2016):

> Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homemlevantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou emsilêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. (Evaristo, 2016, p. 24)

Tal como pode ser apreciado no trecho anterior, Maria, ao avistar o ônibus e embarcar, imaginou que haveria ao menos a possibilidade de descanso e também de talvez um cochilo, mas suas expectativas foram frustradas ao notar a presença de um homem que fora seu grande amor em um passado não tão distante - ou será que ainda o era? -: o pai de um de seus filhos. Isso abre reflexão acerca de um ponto bastante debatido: como é o amor para uma mulher preta? E, buscando responder tal indagação, Hooks (1999) afirma que "(...) a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades." (Hooks, 1999, p. 22), ou seja, Maria, mesmo diante da distância, da dificuldade e também do tempo, ainda encontra-se disposta a "buscar" esse amor. Algo que, para ela, pode ser mais que impossível, improvável. Ainda seguindo nessa temática, Evaristo (2016) indica:

> Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! (Evaristo, 2016, p. 23)

ISSN: 2358-8829

Ao iniciar o trecho com um pensamento da personagem, a escritora busca trazer, de modo evidente, que Maria confronta-se o tempo todo: “por que não podia ser de uma outra forma?” (Evaristo, 2016, p. 23) e isso faz com que ela, ao invés de alguém livre, continue presa a amarras do passado. Sobre esse amor não correspondido, esse esquecimento e separação, Hooks (1999) afirma:

> Falava sobre como a promessa de um amor esperando para ser encontrado, um amor pelo qual eu ainda podia esperar, me erguia do abismo em que tinha caído. Meu luto era uma tristeza pesada e desesperadora, causada pela separação de um companheiro de muito anos, mas, o que é mais importante, era um desespero enraizado no medo de que o amor não existisse, de que não pudesse ser encontrado. (Hooks, 1999, p. 23 - 24)

A perda do “amado” de Maria, transforma-se também em um luto, uma dor que, por muito tempo, pode tornar-se irremediável. Afinal de contas, tratava-se do pai de um de seus filhos, alguém que, sem ela esperar, pagou sua passagem e isso, de certo modo, acendeu nela uma esperança num possível retorno. No entanto, o anúncio que se seguia provava o oposto:

> (...) era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Simda vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. Omotorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. (Evaristo, 2016, p. 25)

Mais forte que o luto, é a decepção em saber que não houve amor, mas um uso carnal. Diante disso: o assalto, houve também uma outra surpresa: o assaltante, amigo do ex de Maria, não a assaltou, o que fez com que a multidão, em polvorosa, a acusasse de cúmplice:

> Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que relembravamvagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém

> gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. (Evaristo, 2016, p. 25)

Em alguns minutos apenas, conforme sugere o próprio título, Maria foi de acusada injustamente, à assassinada por um crime que não cometeu: ser cúmplice de um assalto. A morte de Maria demonstra a fragilidade do sistema e a força do racismo frente às pessoas pretas, sobretudo às mulheres.

Evaristo (2016), ao trazer esse conto em seu livro, busca retratar a forma cruenta e cruel com a qual o racismo revela-se na vida das mulheres pretas. Há, ainda, uma outra parte, onde Maria, já em seu local de morte - o ônibus - pergunta a si mesma: será que os meninos iriam gostar de melão? Ela não saberia porque o racismo e a misoginia não deixaram. A pergunta que fica é: e agora, o que será dos filhos de Maria?

Parafraseando Ribeiro (2019), há práticas que, mais do que não racistas, precisam ser antirracistas e isso não foi visto na realidade de Maria, já que, na hora do assassinato por meio do linchamento, não houve ninguém - além de um rapaz - que intervisse diante de tamanha violência e brutalidade. Maria foi morta pelo racismo e pela intolerância.

Ela amou e não foi amada. Trabalhou o dia inteiro, mas não retornou ao lar. Além disso, não reencontrou aqueles a quem mais amava: seus filhos.

CONSIDERAÇÕES

A representatividade na vida de pessoas pretas, sobretudo na vida das mulheres pretas, é um fator determinante no seu próprio reconhecimento enquanto sujeitos dignos de respeito, valorização, afeto e cuidado. Conforme sugerido no objetivo, este trabalho buscou analisar como o conto “Maria” (2016) pode ajudar no nascimento ou no amadurecimento de uma representatividade plena de mulheres pretas.

É importante ter em mente que não é somente a leitura que vai atuar como essa “válvula de escape” para o povo preto, mas também um trabalho feito a muitas mãos. Conceição Evaristo, ao trazer uma mulher preta como protagonista de uma obra da literatura infantil e juvenil, deu o primeiro passo rumo a uma valorização maior do ser negro ou mesmo do ato de tornar-se negro - isto quando já não o enxergar como tal desde antes. Ainda nessa seara, é necessário destacar o papel da literatura como símbolo de aceitação e também de empoderamento.

ISSN: 2358-8829

Palavras-chave: MARIA, CONCEIÇÃO EVARISTO, RACISMO, MULHER NEGRA, OLHOS D'ÁGUA

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Portal Geledés. Violência contra mulheres negras no Brasil: interseccionalidades, justiças e os desafios das seguranças públicas. **Geledés, 2025.** Disponível em:https://www.geledes.org.br/violencia-contra-mulheres-negras-no-brasil-interseccionalidade-justica-e-os-desafios-das-politicas-publicas/ . Acesso em 03 de outubro de 2026.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021 (1999)

RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala?. - Belo Horizonte: Letramento: Justificando: 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.